

## **EU VIRO CARRANCA PARA DEFENDER O VELHO CHICO**

**Luiz Alberto Rodrigues Dourado**



Conforme fora definido na XXIV reunião plenária do CBHSF, ocorrida nos dias 5 e 6 de dezembro em Recife (Jaboatão dos Guararapes/PE), o dia 3 de junho foi instituído como o Dia Nacional em Defesa do Velho Chico.

Para divulgar essa data o CBHSF lançou a campanha “Eu viro carranca pra defender o Velho Chico”, que marcará o Dia Nacional de Mobilização em Defesa do Rio São Francisco. A mobilização aconteceu dia 3 de junho contando com atividades em toda a extensão da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco, nas 4 regiões fisiográficas da Bacia (Alto, Médio, Submédio e Baixo São Francisco) que compreende 504 municípios, 6 estados e mais o Distrito Federal, conglobando quase 19 milhões de pessoas.

No dia 3 de junho de 2014 em Juazeiro e Petrolina (além de outras cidades) houve uma caminhada com concentração na Ilha do Fogo, onde serão realizados dois atos simbólicos, deflagrando a Campanha no Submédio São Francisco.

Em que pese ser uma Campanha, não se pode dissociar o contexto argumentativo de apresentar diversas problemáticas atinentes

ao rio que validam categoricamente o mote da revitalização que se encontra em seu bojo, em face de situação atual na qual se encontra o Velho Chico.

Nesta esteira, num contexto sinóptico da problemática degradatória, quem vê o rio a partir de Petrolina e Juazeiro nem imagina os impactos terríveis que ocorrem a montante e a jusante por diversos fatores de degradação que comprometem quali-quantitativamente as águas do rio São Francisco.



## **ALTO SÃO FRANCISCO**

No Alto São Francisco tem-se a gravíssima situação da grande mortandade de peixes na região da Represa de Três Marias (MG). Na região de Januária até Manga observa-se processo de intensa eutrofização, agravada pela baixa vazão restritiva que compromete o abastecimento da cidade de Pirapora, entre outros impactos avassaladores.



A seguir, a imagem da ponte entre Pirapora e Buritizeiro (MG) demonstra sobejamente a situação após 3 meses em comparação com a situação anterior, deixando clara a situação.



A foto deixa de forma clara e patente a situação caótica que se refletiu no comprometimento do abastecimento da cidade de Pirapora,



em face da vazão restritiva, abaixo do mínimo (250m<sup>3</sup>/s), da Represa de Três Marias.



**No Médio São Francisco também, de forma recorrente, a mortandade de peixes denunciada pela Associação Quilombola Lagoa das Piranhas (foto acima)**

Ainda no Médio São Francisco tem-se um processo acentuadíssimo de assoreamento e grande vulnerabilidade das matas ciliares, mormente, com intenso assoreamento na entrada do lago de Sobradinho. Concomitantemente, foi verificado recentemente por pesquisadores da EMBRAPA grande contaminação por diversos agrotóxicos e metais pesados, lançados no Lago de Sobradinho, por conta de falta de controle dos projetos de irrigação aí existentes. A maioria dos agrotóxicos utilizados na região já foram, inclusive, banidos para sempre na Europa e na América do Norte.



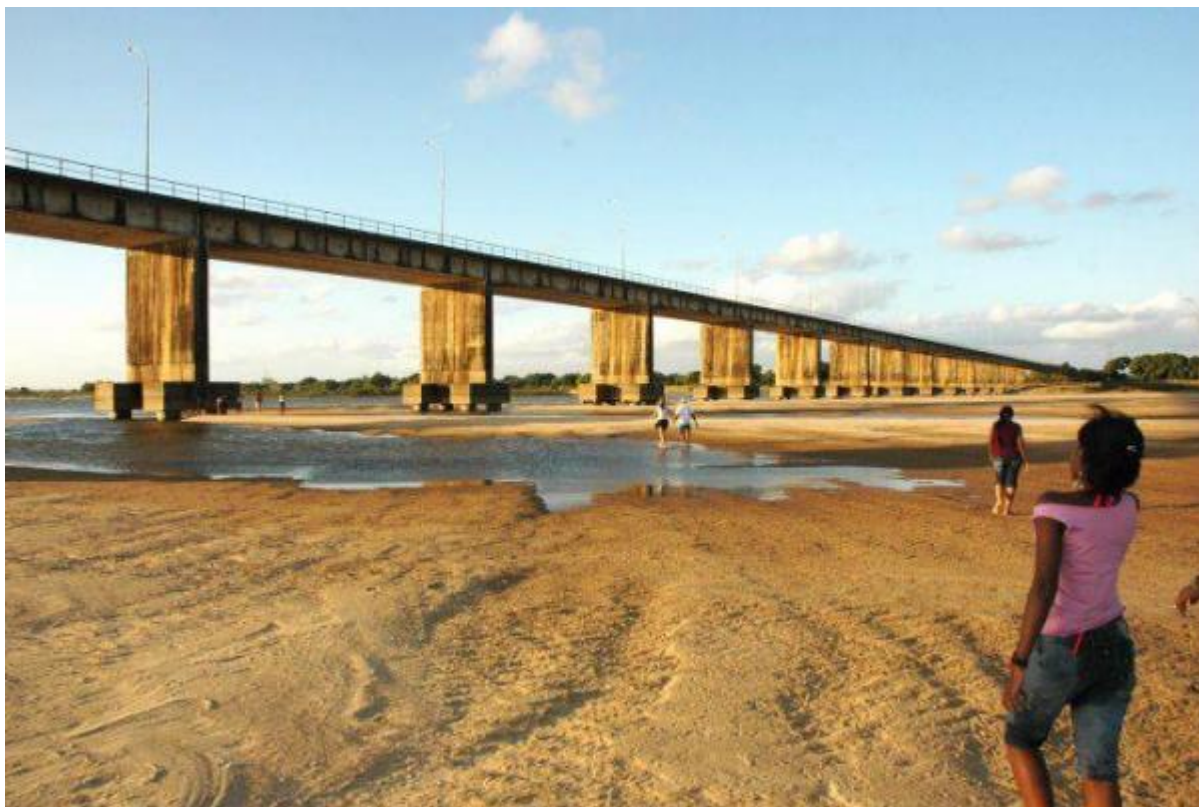
Assoreamento na região do final do Médio e também no início do Submédio São Francisco, antes e depois do Lago de Sobradinho  
Foto: <http://www.sertaonoticias.com/noticias/brasil/18184>



No Baixo São Francisco pode-se ver os escombros da Igreja de Petrolândia (PE) reaparecendo por conta da vazão restritiva de Sobradinho, em meio a um acelerado processo de eutrofização nas águas do Lago de Itaparica e Lago de Xingó (SE), com acentuada proliferação de macrófitas, deixando a água esverdeada, podendo, futuramente, tornar-se inapropriada para beber.



Outro cenário igualmente preocupante é o que se vê no Baixo São Francisco, na região de Propriá (SE): a formação de diversos bancos de areia. Na imagem abaixo, amplamente divulgada nas redes sociais, é possível se ver o baixíssimo nível do rio sob a ponte de Propriá. Agora, muitas pessoas da região estão conseguindo realizar a travessia a vau (a pé) entre as cidades de Propriá (SE) e Porto Real do Colégio (AL), tanto pela formação dos bancos de areia.



Na foz, entre Alagoas e Sergipe temos os mais acentuados impactos sócio-hidroambientais, relacionados com a perda de caudal (estimada em 35%), estiagem prolongada e vazões restritivas impostas pelo Operador Nacional do Sistema (O.N.S.) que atua com seu hegemonismo autocrático, agindo de forma despótica, pois atropela a instância legitimada do Comitê de Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco e contraria o fundamento legal prejudicando os usos prioritários e múltiplos.

Os efeitos da vazão restritiva imposta draconianamente pelo O.N.S tem causado impactos tão avassaladores que existem comunidades ribeirinhas bebendo água salobra, em decorrência da intrusão salina, que se caracteriza pela invasão das águas do mar, em processo reverso, avançando dentro do rio.

Uma expedição formada por vários pesquisadores de diversas Universidades e de várias outras instituições constataram diretamente que a água do mar já chega a Piaçabuçu, município que fica distante 12 km da foz, afetando o abastecimento de comunidades aí existentes, que agora se valem da escavação para retirada de água para beber, porque a água do rio já apresenta acentuada salinidade.



Os pesquisadores visitaram também o que restou da comunidade do Cabeço, banida do mapa após a invasão do mar. A água do mar já chega a Piaçabuçu, município que fica distante 12 km da foz. “O mar está subindo cada vez mais, misturando-se com a água do rio, e deixando a água salobra”. Em um banco de areia situado na foz, Maria de Fátima Santos, dona de casa, enchia baldes de água, que era coada com um pano.



Este fato concreto e manifesto foi verificado por diversos pesquisadores de várias Universidades que participaram da Expedição pelo Baixo São Francisco, como se observa na foto abaixo (professores Melchior Carlos do Nascimento (UFAL) e Luis Carlos Fontes (UFS) e Antenor de Oliveira Aguiar Netto, entre outros, constatando verazmente a situação de penúria e desastre).



Lamentavelmente, a letra da música do saudoso Luiz Gonzaga está desfocada em razão da triste realidade observada, pois o Riacho do Navio não corre mais para o rio Pajeú. Tampouco o rio Pajeú despeja no São Francisco. Finalmente, constata-se que o rio São Francisco não bate mais no meio do mar...

Neste diapasão, surge o poema da música do grande violoncelista juazeirense Marcos Roriz. Ele assinala que a água doce já virou lágrimas... lágrimas que o barranqueiro já não mais derrama, porque não tem, com sói acontecer na região da foz em Piaçabuçu, outrora riquíssima em pescado.



De há muito que o mar tem avançado e invadido o rio São Francisco, num processo anômalo e inverso, ocasionando ao grande desequilíbrio biótico, ecossistêmico impactando as atividades de pesca, como se observa na foto abaixo a intrusão salina. O povoado do Cabeço desapareceu, “tragado” pelas águas do mar e agora se sobressai a intrusão salina.

A manutenção das vazões reduzidas a 1.100 m<sup>3</sup>/s (mil e cem metros cúbicos por segundo) na região do Baixo São Francisco propiciam o avanço da intrusão salina.



## ASPECTOS HUMANO E SOCIAL

No aspecto humano e social indissociável das demais dimensões e relacionado com a dimensão cultural, política e institucional temos as comunidades de povos tradicionais ribeirinhos representados por indígenas, quilombolas e demais denominações sofrendo grandes impactos.

Trata-se do vilipêndio e menoscabo multissecular das comunidades e dos povos tradicionais autóctones da Bacia, pela ausência quase absoluta das políticas públicas do Estado Brasileiro, agravada ainda mais pela situação de vulnerabilidade acentuada existente na porção semiárida da Bacia do São Francisco (Bahia) com muitas pessoas passando fome, sem oportunidades e até com sede próximo das margens, mas sem acesso a água potável, ao longo de mais de 1.800 km de margem, mormente dentro do território da Bahia.

O Semiárido da bacia do São Francisco tem 361.061 km<sup>2</sup> (37% do Semiárido) com uma população de quase 6 milhões de habitantes (28% do Semiárido).

Incapaz de atender os usos mais prioritários dentro da bacia, o governo intenta de forma tihosa, validar um projeto de transposição, por capricho político, sobretudo agora, diante da situação de grave escassez, atropelando a deliberação do comitê, num processo consabido de ilegalidades, absurdidades, anomalias, inviabilidades técnicas, econômicas, sociais, culturais e hidroambientais, numa obra comprovadamente insustentável em todas as dimensões, com exorbitamento financeiro.



Os primeiros a se banharem  
em nossas águas merecem  
toda nossa reverência.

19 de Abril.  
Dia do Índio





### **O povo indígena Tuxá em sua grande luta por suas terras.**

Em artigo publicado neste conceituado Portal ECODEBATE foi postada a: **Reedição Crítica da Transposição do Rio São Francisco, artigo de Luiz Alberto Rodrigues Dourado**

Na publicação, foi feita uma releitura, com reavaliação crítica do malfadado processo de transposição do rio São Francisco, diante da grave crise sócio-hidroambiental e demais dimensões que perpassam sua Bacia Hidrográfica em situação de grande risco.

Neste contexto de diversos e multifacetados processos degradatórios se pergunta:

Como retirar “sangue” de um “paciente” em UTI como é o caso do rio São Francisco? Como aceitar a transposição sem a prévia e impostergável revitalização?

O CBHSF já houvera definido em sua DN 18, de 27 de outubro de 2004, limites, prioridades e critérios de alocação e outorga para usos externos à bacia, como parte integrante do Plano de Recursos Hídricos da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco.

Neste contexto fora definido que se deve atender os usos internos prioritários e múltiplos e que, os usos externos devem ser condicionados

a necessidades de usos prioritários só e somente quando a bacia doadora tenha excedente de água e que a bacia receptora tenha comprovada escassez de água e que as alternativas de abastecimento humano e dessedentação animal não sejam possíveis por nenhum meio.

Concomitantemente, no que tange a transferências para fins econômicos, como sói acontecer no pleito de alguns estados receptores, a transferência fica condicionada a que a bacia doadora tenha atendido todo seu potencial econômico e que também, a bacia receptora tenha o uso econômico da água mais vantajoso que a bacia doadora.

Iniludivelmente, as condicionantes postas na sábia deliberação são inarredáveis tanto no aspecto legal como no aspecto técnico, além de representar um direito líquido e certo dos habitantes da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco.

**A TRISTE REALIDADE DEMONSTRADA EM FATOS E FOTOS,  
NÃO PODE SER TERGIVERSADA POR NENHUMA FALÁCIA OU  
SOFISMA DE ENGANAÇÃO DAS INSTÂNCIAS GOVERNAMENTAIS**



O Velho Chico que tanto nos deu água em abundância e peixe em fartura, agora precisa de ajuda para não morrer. Não é boato ribeirinho, não, mas a constatação óbvia da terrível realidade: rio de tantas vidas



não corre mais primavera e não canta mais o amor, pois no mar não mais deságua.

Parafraseando o poema musicado “BOATO RIBEIRINHO” (de Nilton Freitas, Wilson Freitas e Wilson Duarte) temos que nos conscientizar da triste realidade do Rio São Francisco que sofre grave ameaça pela “seca de gestão” governamental, ainda mais terrível que as vulnerabilidades climáticas.

Por conseguinte, não se trata de um boato ribeirinho, o rio São Francisco pode morrer se não o socorrermos urgentemente. O Velho Chico não pode depender de milagres de São Pedro, sobretudo agora que recrudescem as secas e estiagens prolongadas recorrentes, por conta das Mudanças Climáticas, cada vez mais intensas. O escoamento de base ou subterrâneo, proveniente do Aquífero Urucuia (Oeste da Bahia) mantenedor da sustentabilidade do rio São Francisco está comprometido quali-quantitativamente, pelo agronegócio insustentável, com total descontrole sócio-hidroambiental.

Aliás, campeia o desregramento em todas as vertentes, tanto pela omissão deliberada, como pelo beneplácito dos órgãos de controle hídrico e ambiental que se associam espuriamente ao poder hegemônico do grande capital que não segue os regramentos legais e degradam os recursos hidroambientais para auferirem vultosos lucros deixando o passivo para a sociedade da atual e futuras gerações.

Atualmente, não se tem mais o rio São Francisco como antes para nadar, navegar e pescar. Quiçá não o teremos para beber, como já se observa em Pirapora se o processo degradatório continuar, de forma intensa, acelerada e exponencial, comprometendo a quantidade e a qualidade das águas, inviabilizando a vida das comunidades ribeirinhas da Bacia do São Francisco.

Por isso conclamamos a todos nesta Campanha Nacional valendo-se do contexto parafrástico, contido na letra e música inspiradoras, Boato Ribeirinho (Nilton Freitas, Wilson Freitas e Wilson Duarte):

Não deixemos o Velho Chico morrer! Não deixemos o Velho Chico morrer!

O que será de nós e das gerações futuras???

Qual será o nosso destino e dos nossos pósteros?

Que rio deixaremos para nossos descendentes. Será o .... fim

Serafim???

Não deixemos o Velho Chico morrer, porque senão morrerá o ribeirão de fome, de sede, de esperança e de sei lá o quê.... morrerá João, José e Maria nossos filhos e descendentes condenados por nossa incúria.... morrerá a esperança com a vida que ora periclita....



**Rio da vida Sanfranciscana não corre mais primaveril, tampouco canta o amor, porque no mar não mais deságua!**

**O Rio São Francisco está em risco e é preciso que o defendamos e o ajudemos. Por isso, o Comitê de Bacia Hidrográfica do rio São Francisco lançou a campanha “Eu viro carranca pra defender o Velho Chico”, buscando conscientizar a população sobre a necessidade da preservação e da sua revitalização impostergável.**

**A maior seca e estiagem é a “seca de gestão” política-institucional, dissociada dos usos essenciais, prioritários e múltiplos!**

**Vamos nos adaptar aos imponderáveis da seca decorrente das mudanças climáticas e lutar contra a despropositada “seca de gestão”.**

**Mobilize-se! Participe! Juntos, elejamos o dia 3 de junho como o Dia Nacional em Defesa do rio São Francisco! O Chico é um velho guerreiro, rio do povo brasileiro! Quem maltrata o São Francisco, maltrata o Brasil inteiro!**



**O rio São Francisco periclita, mas não pode morrer! Ajudemos por meio da sensibilização, parceria e mobilização nesta Campanha e vire carranca para defender o Velho Chico...**

**Porque se não cuidarmos, por meio da gestão eficiente, sequer teremos lágrimas para chorar a morte do Velho Chico!**





**Foto de [National Geographic Channel India](#)**

**Luiz Alberto Rodrigues Dourado**

Turismólogo, pós-graduado em Educação Sócio-Hidroambiental

Membro da Comissão da Campanha do Velho Chico Vivo

Membro da CTIL e GACG do CBHSF

Link para conexão com a: música:

<https://www.youtube.com/watch?v=H0UdRRIX3F0>

Acesse, conheça, divulgue e participe da campanha em defesa do Velho Chico! <http://virecarranca.com.br/>